

ESTUDOS GRAMATICAIS SINCRÔNICOS E DIACRÔNICOS
SYNCHRONIC AND DIACHRONIC GRAMMATICAL STUDIES

Organização: Isabella Lopes Pederneira¹

Thiago Laurentino de Oliveira²

Nesta edição da Revista *Linguística* (v. 17, n. 3), o nosso objetivo foi reunir artigos em que fossem discutidos fenômenos gramaticais relacionados aos níveis fonológico, morfológico, morfossintático e/ou sintático das línguas naturais, tanto do ponto de vista sincrônico quanto diacrônico. Outro ponto importante deste número foi a sua abrangência teórica. Graças a essa abertura quanto à perspectiva de análise, pudemos receber excelentes artigos cuja fundamentação teórica está baseada tanto em teorias formais quanto em teorias baseadas no uso, ambas a partir de diferentes vertentes de modelo gramatical. Esta característica nos fornece um panorama representativo sobre os estudos linguísticos no Brasil.

Este número procurou dar visibilidade à relação entre teorias linguísticas e suas respectivas explicações para os fenômenos linguísticos abordados, fossem eles sincrônicos ou diacrônicos. Os leitores observarão o quão diversificados são os fenômenos analisados e suas respectivas abordagens teóricas. Desse modo, colocamos em questão também, novamente, a clássica dicotomia saussureana, proposta no âmbito do estruturalismo linguístico mas constantemente retomada e redefinida por linguistas de orientações variadas, até os dias de hoje. Para Saussure (2021), a sincronia deveria ser preconizada, em detrimento do estudo diacrônico, devido ao fato de que é somente através da descrição do estado de língua que se pode chegar às diferentes relações pertinentes à gramática, que, no estruturalismo, era identificada como o sistema linguístico. No entanto, considerando o ponto de vista morfológico, morfossintático, sintático e suas interfaces, a análise culmina em alguns desafios e limites para explicações linguísticas. Deste modo, a linguística moderna tem se mostrado aberta também às análises diacrônicas para descrever, analisar e explicar mecanismos de mudança no âmbito das palavras, sintagmas e sentenças. Neste número, os leitores estão convidados ao debate democrático e respeitoso a partir de uma entrevista e treze artigos de alta qualidade. Esperamos que a leitura dos trabalhos aqui reunidos suscite muitos debates para o avanço das discussões e aprimoramento dos estudos linguísticos, imperativos para qualquer ciência.

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), isabellapederneira@letras.ufrj.br, <https://orcid.org/0000-0002-5884-8472>.

² Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), thiagolaurentino@letras.ufrj.br, <https://orcid.org/0000-0002-9537-5264>.

A entrevista realizada por uma das organizadoras deste número, Isabella Pederneira, e aqui apresentada foi com a renomada professora e pesquisadora Hagit Borer, atualmente vinculada à universidade de Londres - QMUL/Queen Mary University of London, ex-orientanda de Noam Chomsky no MIT e criadora do modelo Exoesqueletal de Gramática Gerativa (BORER, 2005a e b, 2013). A entrevista, como poderão apreciar, conta com mais de trinta páginas através das quais é possível fazer uma viagem pela Linguística Gerativa, com ênfase em modelos construcionistas de Gramática Gerativa, mais precisamente no modelo criado pela entrevistada, acima denominado. Hagit apresenta aos leitores não só seu conhecimento aprofundado sobre o Gerativismo, mas também sua generosidade em compartilhar conhecimento. Além de temas essenciais do cômputo teórico, Borer ainda dividiu com os leitores um pouco de seu posicionamento acerca do tema específico de nosso número - não só sobre sincronia, mas também sobre estudos diacrônicos.

No primeiro artigo deste número, a autora Rafaela do Nascimento Melo Aquino aborda a polissemia de nominalizações justamente a partir do modelo de gramática da Exoesqueletal, desenvolvido pela nossa ilustre entrevistada deste número. Assim, os leitores terão a oportunidade de observar o modelo sendo aplicado para analisar e explicar dados de nominalizações em que o mesmo item fonológico possui diferentes significados no português brasileiro. Na trilogia de livros desenvolvidos por Hagit Borer (2005a e b, 2013a), as nominalizações são o primeiro fenômeno abordado pela autora. Este trabalho da Rafaela possui ainda outra especificidade que é a de ser resultado da tese da autora, última a ser defendida sob orientação de nossa saudosa professora e pesquisadora Miriam Lemle.

O artigo “O comportamento dos pronomes possessivos seus(s); suas(s); dele(s) e dela(s) na recuperação de seus antecedentes”, de Bruna Clara Santos de Almeida e Rafael Dias Minussi, traz importantes contribuições para o tema sob a perspectiva da Morfologia Distribuída (HALLE; MARANTZ, 1993), abordagem que inaugura o construcionismo em Gramática Gerativa de maneira mais ampla e que também é bastante citada na entrevista concedida por Hagit Borer. Os dois modelos construcionistas possuem muito em comum, mas há algumas diferenças importantes, pontuadas na entrevista. É interessante observar que os dois modelos tenham sido fontes de fundamentações teóricas deste número, tendo os leitores a oportunidade de verificar os pontos de convergências e divergências, ainda que as análises tenham sido de fenômenos gramaticais diferentes da língua portuguesa.

Tivemos a sorte de termos uma diversidade imensa de abordagens dentro do conjunto das teorias formais. O artigo de Letícia Emília Kriek aborda, através de uma perspectiva sincrônica, os pronomes resumptivos pessoais da construção de sujeito duplo no português brasileiro sob a ótica da cartografia (RIZZI, 1997; CINQUE, 1999), modelo de Gramática Gerativa que tem como um de seus principais objetivos a descrição e explicação mais minuciosa da estrutura sintática. Desta maneira, concede-se aos leitores uma ampla diversidade teórica dentro do Gerativismo para analisar fenômenos gramaticais. Esse conjunto diversificado de modelos mostra a incansável tentativa de explicar os dados empíricos das línguas naturais da melhor maneira possível.

No artigo “Context for null subjects in contemporary Brazilian Portuguese”, os autores Mônica Rigo Ayres e Gabriel de Ávila Othero investigam sujeitos nulos no português brasileiro (PB) assumindo que sujeitos referenciais nulos são usados apenas em contextos ‘marcados’, específicos; enquanto sujeitos expressos são a estratégia ‘não marcada’ mais frequente. Para isso, os autores analisaram um corpus contemporâneo de PB falado em que encontraram 1.252 ocorrências de sujeitos nulos. Como poderão observar, um trabalho exaustivo de descrição e análise, seguindo modelos formais de análise de dados.

Se, no artigo precedente, os autores desenvolveram argumentos sobre o sujeito nulo, em “Restrições semânticas de animacidade do objeto nulo do Português Brasileiro”, o autor Gabriel Guimarães Peixoto da Silva oferece aos leitores uma análise sobre o objeto nulo no português brasileiro, seguindo referências teóricas e analíticas muito semelhantes ao artigo anterior, o que resulta em uma continuidade incomum e muito interessante. Há uma espécie de complementaridade casuística que resulta em uma sequência bastante didática.

Luciano de Oliveira, em seu texto “Pronomes plenos e clíticos pronominais no português brasileiro e no francês”, apresenta uma análise comparativa acerca do comportamento dos Pronomes plenos e clíticos pronominais e suas repercussões para o aprendizado do francês por brasileiros, tendo em vista algumas observações analíticas importantes. Por exemplo, segundo o autor, uma dessas diferenças é a perda dos pronomes clíticos acusativos de terceira pessoa por falantes do português brasileiro, ao passo que, em francês, os clíticos pronominais de terceira pessoa são muito produtivos, independentemente do caso sintático considerado. Outra divergência proveniente da comparação diz respeito ao fato de que o francês possui clíticos pronominais nominativos, locativos e partitivo/genitivo, enquanto o português não apresentaria, dentre outros aspectos considerados pelo autor.

A partir de uma abordagem minimalista de Gramática Gerativa, o autor Humberto Borges apresenta o artigo “Se-passivo, se-impessoal e sujeitos nulos indefinidos: uma abordagem minimalista para a perda e o surgimento de construções na gramática da língua”. O autor vai ao encontro da tradição gerativista que defende a perda das construções com o se-passivo no português brasileiro, resultante do enfraquecimento da concordância dos verbos transitivos. Em seu texto, o autor apresenta dados empíricos que mostram que a perda dessas construções, que perpassa a história do português, está associada à perda de uma projeção mais alta que T: FuncionalP. Este fenômeno seria, ainda, responsável por uma série de questões gramaticais apresentadas e argumentadas pelo autor.

No artigo “Reconstruindo a história do Português do Brasil pelo *Corpus* Tycho Brahe Brasil: novos dados, novos olhares”, produzido por Paulo Ângelo Araújo-Adriano e Williane Silva Corôa, os leitores são apresentados a dados históricos extraídos de novas amostras documentais do *corpus* Tycho Brahe, anotadas morfológica e morfossintaticamente. Com base nos pressupostos da linguística de *corpus* e da teoria gerativa, os pesquisadores discutem a questão da validade empírica e da representatividade dos dados diacrônicos. Ao explorar dois temas gramaticais relevantes para a história do português brasileiro – a colocação dos clíticos pronominais e a perífrase de progressivo –,

os autores demonstram a influência que o tipo textual e o modelo de periodização (baseada na data de nascimento dos indivíduos ou na data de produção do documento) podem exercer na análise diacrônica de fenômenos linguísticos.

Os últimos cinco artigos que compõem a sequência do presente número compartilham entre si dois aspectos: todos eles examinam fenômenos gramaticais a partir do ponto de vista diacrônico e fundamentam-se em modelos baseados no uso. Trata-se de análises de excelência que, amparadas em amostras documentais várias, exploram tópicos relativos à variação e/ou mudança linguística bem como os princípios e mecanismos que condicionam e determinam esses processos. Para além dos fatores morfossintáticos, encontramos, nestas análises, a observação de parâmetros semânticos, pragmáticos, discursivos e sociais.

O artigo “Uma análise diacrônica das formas pronominais contigo e com você em cartas pessoais”, assinado por Thaissa Frota Teixeira de Araujo Silva, traz outra interessante discussão baseada em dados de sincronias passadas. A autora toma como objeto de estudo as formas pronominais *contigo*, *com você*, *preposição+ti* e *preposição+você*, tratadas como variante da variável expressão da segunda pessoa do singular na relação gramatical oblíqua. Fundamentada nos princípios da sociolinguística histórica (HERNÁNDEZ-CAMPOY; CONDE SILVESTRE, 2012), a pesquisadora analisa o fenômeno em um vasto conjunto de cartas pessoais produzidas por indivíduos do Rio de Janeiro, entre as últimas décadas do século XIX e no decorrer do século XX. A partir do controle rigoroso de variáveis independentes linguísticas e extralinguísticas, a autora oferece aos leitores uma cuidadosa descrição do fenômeno na diacronia considerada, na qual identifica aspectos convergentes e divergentes no uso das variantes *contigo* e *preposição+ti*.

Os autores Pedro Henrique Sousa dos Santos e Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar Vitória, no artigo “Expressões de tempo decorrido em cartas pessoais do alagoano Graciliano Ramos”, trazem aos leitores mais um estudo diacrônico interessante, ancorados na perspectiva da Sociolinguística Variacionista e da Sociolinguística Histórica. Os pesquisadores analisam as expressões de tempo decorrido (fenômeno morfossintático ainda pouco investigado no português brasileiro) em 112 cartas pessoais escritas pelo ilustre alagoano Graciliano Ramos na primeira metade do século XX. A partir de uma refinada metodologia de análise estatística, os resultados dos autores indicaram a predominância da variante “haver” e a influência de fatores linguísticos no condicionamento da variante “fazer”.

Enriquecendo ainda mais a pluralidade de abordagens e perspectivas de análise deste número, temos o artigo “Gramaticalização do verbo visar”, produzido por Geovana Portela de Moura, Célia Márcia Gonçalves Nunes Lôbo e Lúcia Regiane Lopes-Damasio. Fruto de uma pesquisa conduzida no âmbito do projeto Para a História do Português Brasileiro – Mato Grosso (PHPB-MT), o estudo investiga a trajetória de mudança linguística envolvendo as construções com o verbo visar. Fundamentando a análise nos pressupostos teóricos da Gramaticalização segundo a perspectiva funcionalista (TRAUGOTT; HEINE, 1991; HOPPER; TRAUGOTT, 1993), as autoras examinaram uma amostra pancrônica, extraída de jornais mato-grossenses publicados nos séculos XIX, XX e XXI.

Dentre os achados da investigação, as pesquisadoras observam que “visar” passa por um processo de gramaticalização, segundo o qual passa de verbo pleno com sentido de “olhar” para auxiliar, integrando perífrases visar+infinitivo com leitura de volição.

Também seguindo a perspectiva teórica da Gramaticalização, o artigo de Márluce Coan, Francisco José Gomes Sousa e Laila Cavalcante Romualdo, intitulado “Da emergência de formas compostas para a expressão do antepretérito: construtos morfossintáticos e semânticos”, transporta os leitores para séculos atrás, ao focalizar o português antigo e a formação dos tempos compostos envolvendo a construção haver/ter+particípio passado. Os pesquisadores analisaram 1.680 dados extraídos das cantigas medievais galego-portuguesas a fim de atestar motivações morfossintáticas e semânticas que elucidem o processo de mudança em questão. Os resultados gerais dos autores revelaram indícios do processo de gramaticalização nos textos medievais e apontaram contextos de favorecimento e de resistência à implementação das estruturas de tempo composto em português.

Fechando o presente número, temos mais uma contribuição aos estudos diacrônicos com o artigo “A construção X-ada: um caso de construcionalização”, assinado por João Carlos Tavares. O autor propõe uma articulação teórica entre os postulados centrais da Linguística Cognitiva (LANGACKER, 1987; 2008) e das abordagens construcionais baseadas no uso (BOOIJ, 2010; TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013) para investigar a construção morfológica X-ada na história do português. Como hipótese, Tavares defende a existência de um processo de construcionalização, segundo o qual a construção derivacional teria emergido do particípio passado. Além disso, o pesquisador salienta também a importância da distinção entre mudança construcional e construcionalização, proposta por Traugott e Trousdale (2013), para embasar a coexistência de construções diferentes na língua que emergem de uma mesma construção diacronicamente anterior.

Por fim, os organizadores deste número da *Revista Linguística* agradecem aos autores pelo envio de artigos de altíssima qualidade e diversidade teórica, sem deixar de mencionar o cuidadoso trabalho de todos os pesquisadores que atuaram como pareceristas deste número. Cumpre registrar que esta edição foi organizada durante um momento bastante peculiar e difícil, no qual muitos atuavam no modelo de trabalho remoto (devido à pandemia da COVID-19), seguido do recesso e retorno às atividades presenciais. Esperamos que este número, portanto, contribua para o debate e desenvolvimento de outros temas e reflexões futuras em linguística nos mais diversos modelos teóricos de análise.

Referências

BOOIJ, Geert. *Construction Morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

BORER, H. *Structuring sense*. In Name Only. 1. ed. Nova Iorque: Oxford Univeristy Press, 2005a.

BORER, H. *Structuring sense*. The normal course of events. 1o ed. Nova Iorque: Oxford University Press, 2005b.

- BORER, H. *Structuring sense*. Taking Form. 1. ed. Nova Iorque: Oxford University Press, 2013a.
- CINQUE, G. Adverbs and functional heads: a cross-linguistic perspective. *Oxford studies in comparative Syntax*. Oxford: Oxford University Press, 1999.
- HALLE, Morris; Alec MARANTZ. Distributed Morphology and the Pieces of Inflection. In: HALE, Kenneth; KEYSER, Samuel Jay (Eds.) *The View from Building 20*. Cambridge: MIT Press, 1993, pp. 111-76.
- HERNÁNDEX-CAMPOY, Juan Manuel; CONDE SILVESTRE, Juan Camilo. *The Handbook of Historical Sociolinguistics*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2012.
- HOPPER, Paul; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Gramaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- LANGACKER, Ronald Wayne. *Foundations of cognitive grammar*, v. 1: theoretical prerequisites. Stanford, Calif.: Stanford University Press, 1987.
- LANGACKER, Ronald Wayne. *Cognitive Grammar: a basic introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. Parábola: São Paulo, 2021.
- RIZZI, L. The fine structure of left periphery. In: Haegman, L. (ed.). *Elements of Grammar*. Dordrecht: Kluwer Academic Publisher, 1997.
- TRAUGOTT, Elizabeth Closs; HEINE, Bernd. *Approches to Grammaticalization*. v. 1. John Benjamins Publishing Company. Amsterdam/ Filadelfia. 1991.
- TRAUGOTT, Elizabeth Closs; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.